

A Princesa e os Touros: Futebol, Símbolos e Memórias.

Homero Gomes de Andrade*

RESUMO: Este trabalho, desenvolvido no âmbito do programa de Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, mobiliza e conjuga elementos de três áreas de conhecimento: Desenho, História e Antropologia Cultural. O tema em foco é a trajetória histórica do futebol e a sua popularização, consolidando-se como uma marca de identidade nacional. O objeto deste estudo é a história da cidade de Feira de Santana e do Fluminense de Feira Futebol Clube, entre os anos de 1941 e 1969. A pesquisa apresentará um panorama das relações sócio-culturais de identidade mediadas pelos símbolos, pela memória e pela cultura da cidade e do clube de futebol.

Palavras-Chaves: Futebol – Feira de Santana – Memória Histórica.

ABSTRACT: This work, developed in the sphere of the Master Program in Design, Culture and Interactivity of Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, brings together elements of three knowledge areas: Design, History and Cultural Anthropology. The subject in focus is the historical trajectory of soccer and its popularization, consolidating the sport as a trace of national identity. The object of study is the history of Feira de Santana City and the soccer club Fluminense de Feira Futebol Clube between the years 1941 and 1969. The research will present a panorama of the social and cultural identity relations throughout the symbols, the memory and the culture of both the city and the soccer club.

Key words: Soccer – Feira de Santana – Historical Memory.

Simbolicamente, o futebol é revestido de significados, expressões de identidades e disputas de poder. As representações estão nas cores, nos uniformes e nos distintivos - símbolos que carregam uma história e relações de significação. Como exemplos, podemos citar as cores dos uniformes das seleções da Itália, Holanda e Japão, que são todas diferentes das cores originais de suas bandeiras nacionais. Os italianos adotaram o azul em homenagem à dinastia de “Savóia”, os holandeses usam a cor laranja no uniforme em homenagem à “Casa de Orange” e os japoneses usam o azul em homenagem à família imperial.

No Brasil, o uniforme principal da seleção de futebol, até 1950, era branco. Na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, após a derrota na final para o Uruguai, o uniforme branco foi considerado azarado. Houve um concurso realizado pela Radio Nacional para escolher a nova camisa da seleção brasileira. A camisa escolhida era amarela, com números dos jogadores e detalhes em verde, calção azul e meia branca. O novo padrão de camisa simbolizava todas as cores da bandeira nacional, e até hoje é o padrão oficial da seleção brasileira.

* Mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade, da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Política e futebol também ganharam destaques nas páginas dos jornais antes da copa de 1970, tendo como protagonistas o técnico da seleção, João Saldanha, e o Presidente, General Médice. O presidente do Brasil, apaixonado pela seleção pedia, a convocação de Dario e o treinador publicamente falou:

- “O presidente manda no ministério dele, que na seleção mando eu”.

Depois desse episódio, João Saldanha foi demitido e em seu lugar foi colocado Mario Jorge Lobo Zagalo, que convocou Dário. O Brasil conquistou o tricampeonato mundial de futebol, mas o queridinho do presidente não era o titular da equipe.

Há uma relação entre elementos cromáticos e símbolos no futebol. A representação do desenho de distintivos e uniformes é a marca de um signo identitário. A bandeira de uma cidade, estado ou país é um desenho que expressa uma memória histórica idealizada. O distintivo de um time é uma marca que representa a história do time.

Notamos que as semelhanças mais evidentes entre a bandeira de Feira de Santana e o distintivo do Fluminense de Feira Futebol Clube são as cores, o vermelho grená, branco e o verde. O clube de futebol adota em seu nome uma expressão que o caracteriza como o time de uma cidade, o Fluminense de Feira. Para além dos fatores visuais, há outros condicionantes sociais que relacionam a história da cidade ao time de futebol.



Figura.1- Bandeira de Feira de Santana



Figura.2 - Distintivo do Fluminense de Feira

A “Princesa”, Feira de Santana e os “Touros”, Fluminense de Feira.

A “Princesa do Sertão” e os “Touros do Sertão” marcam a identidade, e têm representatividade na história da cidade. A nossa proposta é analisar especificamente as relações sócio-culturais de identidade mediadas pelos símbolos, pela memória e pela cultura da cidade e do clube de futebol. Atribuímos ao desenho uma realidade histórica que conta o contexto de uma sociedade. Desenho e História possuem singularidades que nos permitem entender a cultura material e mental de um povo.

As teorias com as quais trabalho são alicerçadas basicamente em três autores. As formulações sobre a conotação do desenho, de Luis Vidal N. Gomes, no livro *Desenhismo* (1996); a concepção de interpretações multidisciplinares das representações gráficas descritas por Lucimar Bello Pereira Frange em *Por que se esconde a violeta?* (1995); e nas análises de Lígia Maria S. de Medeiros no livro *Desenhística: a ciência da arte de projetar desenhando* (2004). Nessas obras são expostas as possibilidades de interpretação da cultura material e intelectual de um povo através das suas representações gráficas.

Os símbolos e mitos cívicos exercem uma função de marcar a tradição da sociedade e sua importância histórica, abrigando a população num espírito de coletividade. Oficialmente a bandeira da cidade é regulamentada pela lei Nº. 31, 09/12/1966. Cabe lembrar que o Brasil nessa época era governado pelos militares, que tinha em sua base, a propaganda ufanista baseada nos mitos e símbolos que personificavam o país como uma nação rica, exuberante, progressista e principalmente ordeira.

A associação, símbolo e patriotismo é um código eficaz para um projeto que consolide os valores morais e tradicionais da cidade. A identificação mediada pelo signo foi tema do trabalho de José Murilo de Carvalho (1990), intitulado *Formação das Almas: o imaginário da república no Brasil*. Neste livro, o autor narra a criação da bandeira do Brasil na transição entre o Império e a República, salientando as tentativas frustradas de modificar drasticamente a bandeira imperial e a consolidação da bandeira nacional conhecida hoje, que foi adaptada do império substituindo o brasão da família real pelo círculo azul com as estrelas e a frase “ORDEM E PROGRESSO”. Sobre a mensagem cívica transmitida através dos símbolos, Carvalho nos diz:

É por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. As sociedades definem suas identidades, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornam-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos.

(CARVALHO, 1990: 10)

O imaginário social, citado por Carvalho, é representado pela forma gráfica da bandeira e de outras imagens que tem um caráter cívico-educativo. Na história da república brasileira, de 1889 até os dias atuais, os símbolos são usados para personificar graficamente uma narrativa gloriosa, “a utilização das imagens como dispositivos discursivos de propaganda atendia a finalidades políticas muito claras [...] sua intenção era espalhar essa carga emotiva e sensorial.” (LENHARO, 1986: 16). A bandeira de um estado, ou de um

município tem a mesma função cívico-educativa. O imaginário feirense é constituído de mitos e símbolos, que são representados nos elementos simbólicos presentes em sua bandeira.

Interpretamos os símbolos heráldicos conforme a lei, e complementamos essa análise, com a interpretação baseada no hino de Feira de Santana, composto por Georgina Erismann, e no livro de Rollie Poppino (1968). A letra do hino, consideramos como um registro de memória coletiva. As descrições da obra de Poppino são relatos históricos. Elaboramos uma interpretação complementar à lei, que tem como objetivo, entender as inter-relações as imagens, memória e cultura.

Na bandeira do município temos a história da cidade contada por meio de cores e de outros elementos como o ramo de fumo e milho, a buzina de caça, os cestos de frutos, as bilhas cerâmicas, a Coroa Mural e o topônimo, Feira de Santana. Os símbolos do município são elaborados com função de representar a cidade. A bandeira e do seu brasão formam um signo de caráter histórico educativo, apresentando os mitos do passado colonizador, a religiosidade, as tradições comerciais e agrícolas e a grandeza da cidade.

Conforme o texto da lei, o desenho da bandeira é composto por oito faixas verticais, horizontais e diagonais, nas cores verde e vermelha. O centro da bandeira é composto pelo brasão. De acordo com o texto original, o desenho da bandeira é justificado “de conformidade com a tradição da heráldica portuguesa, da qual herdamos os cânones e regras, as bandeiras municipais são oitavadas, ostentando ao centro o brasão da cidade em suas cores heráldicas”. (Lei Nº. 31 – Art. 195)

A cor verde é explicada, como símbolo de “vitória, honra, cortesia, civilidade, alegria, abundância e amizade” (Lei Nº. 31). A cor vermelha representa a argila, abundante na região. O brasão, colocado, no centro da bandeira, simboliza o poder municipal. As faixas verticais, horizontais e diagonais, caracterizam a expansão do poder da cidade sobre toda extensão territorial de Feira de Santana. Os espaços na cor branca, existentes entre as faixas, representam as zonas rurais da cidade.

O brasão de armas de Feira de Santana é composto por um escudo *samnítico* e por outros elementos simbólicos alusivos ao passado colonizador, à religiosidade, a riqueza territorial, os produtos da terra, força e prestígio da cidade. O escudo usado no brasão é descrito como, “o primeiro estilo de escudo introduzido em Portugal, por influencia francesa, evocando a raça latina colonizadora e principal formadora da nacionalidade brasileira”. (Lei Nº. 31). O Brasão é composto por uma coroa mural de oito torres, que simboliza a grandeza do município. O desenho não é tridimensional, por isso, são vistas cinco torres. Segundo a

descrição da lei, a coroa mural e a bordadura, são da cor prata. A justificativa é que esta cor, representa a paz, amizade e trabalho.

Os ramos de milho e fumo, presentes no brasão, simbolizam “os produtos da terra dadivosa”. (Lei Nº. 31). A tradição e a riqueza do solo são representadas também, nos cestos de frutos e nas bilhas cerâmicas. Os cestos representam os produtos do solo, e a bilha cerâmica, a argila.

No meio do brasão, em posição vertical, há um fuso matriarcal que representa o “coração” do escudo, designado a representar Nossa senhora de Santana, a padroeira da cidade. Abaixo do fuso matriarcal, na posição horizontal, existe uma buzina de caça em ponta. Este objeto, para a cultura local, é semelhante a um berrante, um instrumento usado pelo vaqueiro para conduzir a boiada.

A buzina de caça em ponta representa, segundo a lei, “a evolução da cidade, firmada no comércio, por ter sido ponto de parada forçada dos tropeiros e viajantes”. (Lei Nº. 31). Na parte inferior do brasão, há um listel verde, com letras amarelo ouro, onde está escrito o topônimo: FEIRA DE SANTANA. A cor da letra é justificada como um símbolo de riqueza e tradição.

Na descrição dos símbolos e nas suas justificativas percebemos como o passado colonizador, a tradição pecuária e agrícola são montadas na composição da bandeira de forma enaltecida da história da cidade. Os ramos de milho e de fumo foram descritos por Rollie Poppino (1968) como as culturas mais importantes de Feira de Santana. O milho usado para a alimentação de animais e de seres humanos, e o fumo como moeda de troca por escravos e, com o fim da escravidão, serviu como fonte de receita alternativa dos pecuaristas e fazendeiros.

A coroa mural presente no brasão remetem-nos, a imagem da força e da proteção. Outro detalhe que salta bem aos olhos é o topônimo Feira de Santana escrito em amarelo. Esta cor simboliza a cor do ouro, da riqueza material que este metal representa. Também podemos constatar no hino da cidade como esses símbolos cívicos estão presentes no imaginário da cultura local nos versos que dizem: “És do Norte a princesa altaneira / Ao estranho tu sempre dominas / Com o poder do teu clima sagrado / De Santana és filha querida / Noite e dia por ela velada / E o teu povo tão cheio de vida / Só trabalha por ver-te elevada”. Nos versos do hino percebemos também o tradicionalismo do passado marcadamente católico ao culto de Nossa Senhora de Santana, presente no nome da cidade e como padroeira oficial do município.

Outro elemento que também tem sua importância dentro da história da cidade são os símbolos do Fluminense de Feira Futebol Clube. Pelo time de futebol analisaremos o distintivo, suas cores e o touro.

Parte dos símbolos do time feirense homenageia o time carioca. Mas, os “Touros do Sertão”, são símbolos particulares do Fluminense de Feira que se referem à cidade de Feira de Santana. O clube feirense é criado por Wilson da C. Falcão em 1º de Janeiro de 1941. Por influência do Fluminense do Rio de Janeiro, os criadores do time fazem uma adaptação do nome para Fluminense de Feira Futebol Clube e no distintivo é acrescentada mais uma letra F.

A explicação mais simples para a identificação entre a cidade e o time pode ser feita por causa das cores. Feira de Santana e o Fluminense de Feira são representadas pelas mesmas cores. Porém, os elementos cromáticos não são suficientes para explicar por que a “Princesa do Sertão” se afeiçoa os “Touros do Sertão”. Houve um processo, que incluiu fatores extra-campo, como a política e a rivalidade com os times da capital.

O Fluminense de Feira foi ganhando espaço e destaque na imprensa estadual, e na imprensa local era exaltado como o grande representante da cidade no futebol. O time feirense conquistou a terceira colocação no campeonato de 1962 e em 1963 sagrou-se campeão estadual, feito inédito para um time do interior, e 1969 conquistou o segundo campeonato baiano, feito inédito, pois até hoje, nenhum time do interior da Bahia tem dois títulos de campeonato estadual conquistados. O campeonato de 1969 consagrou um símbolo do Fluminense de Feira, os “Touros do Sertão”. Desde o ingresso no campeonato baiano, em 1954, o time feirense foi apelidado, jocosamente, pela imprensa de Salvador de “Touros”. Era comum, por parte da imprensa, atribuir outros nomes para identificar os times. O E.C. Bahia, o “Esquadrão de Aço”; Vitória, os “Leões da Barra”; Galícia, o “Demolidor de Campeões”, e o Ypiranga, “O Mais Querido”. O nome do Fluminense de Feira era o único que não tinha nenhum adjetivo.

A identificação entre o time de futebol e a cidade cresce com as gradativas conquistas nos gramados. O principal periódico da cidade no período estudado, o Jornal Folha do Norte, muitas vezes trazia uma matéria ou uma nota sobre o Fluminense de Feira, associando o clube à cidade. Para exemplificar, a nota a seguir, foi retirada do periódico feirense do dia 7 de junho de 1969. Vejamos

E o Fluminense, líder absoluto do campeonato baiano, cumpre amanhã, mais um difícil compromisso contra o Itabuna. A torcida do mais querido da cidade vai, por certo, comparecer ao estádio, levando seu incentivo e o seu aplauso.

(Jornal: Folha do Norte – n. 3138 / 07 de Junho de 1969)

Em 1969 o Fluminense de Feira liderou todo o campeonato, mas os dirigentes da federação mudaram as regras do campeonato, e criaram uma partida final entre o líder do campeonato, o Fluminense de Feira e o E.C. Bahia, considerado pela federação, o time de melhor índice técnico do campeonato.

Havia uma desconfiança de que essa perseguição contra o time do interior, era uma retaliação por fatores políticos pelo episódio da instalação da fábrica da Pirelli. No artigo intitulado “E Agora?”, publicado em 25 de Outubro de 1969 (n. 3158), escrito por Helder Alencar podemos notar como a disputa do campeonato baiano de futebol foi tensa.

O Fluminense pode se orgulhar de possuir a sua enorme e honrada galeria de títulos, um que é inédito, original e quase impossível: venceu o mesmo campeonato duas vezes num espaço de quinze dias. Vai vencer a terceira e definitiva quando os homens que dirigem o futebol da Bahia fizerem justiça e proclamarem como campeão aquele que legitimamente conquistou o certame.

(Helder Alencar)

O ano de 1969 foi marcado por disputas entre Feira de Santana e Salvador. Nesse ano, a fábrica de pneus Pirreli, estava montando uma filial em Feira e Santana. A imprensa de Salvador representando os políticos locais, diziam que a instalação de uma indústria, em Feira de Santana era ruim para a Bahia. Nos bastidores, políticos feirenses e soteropolitanos defendiam a instalação da fábrica em suas cidades. No final, a direção da Pirreli, optou por instalar sua unidade produtiva em Feira de Santana, motivo de orgulho na cidade, que venceu a primeira disputa do ano de 1969 contra a capital, descritos assim, no editorial do jornal, Folha do Norte, de oito de Fevereiro.

Dizem que a Bahia perde se vem uma indústria para o interior, para a Feira de Santana, não nos atinge apenas a nós, mas a toda a região sertaneja que Feira lidera. [...] A Bahia é o sertão que começa aqui, onde os homens ainda arregaçam as mangas para trabalhar. Aqui não esta apenas o futuro do estado, mas do país. Que venham as indústrias para o sertanejo e que as gazetas da Capital aprendam a respeitar o homem do interior.

(Jornal: Folha do Norte, n. 3121 / 08 de Fevereiro de 1969).

As comemorações da torcida tricolor de Feira de Santana também foram destaques na cidade. As celebrações sociais motivadas pelas conquistas do time atestam à importância que o Fluminense de Feira tem na vida social. Segundo os fatos jornalísticos:

E a Feira de Santana viveu, domingo, a sua terceira micareta de 1969, quando a torcida do Flu compareceu as ruas para comemorar, mais uma vez, a indiscutível, merecida e irrefutável conquista do Campeonato Baiano.
(Jornal: Folha do Norte, n. 3158 / 25 de Outubro de 1969).

Referências Bibliográficas:

- BORBA, Alex (org). *Enciclopédia do futebol Brasileiro*. Arete Editorial, São Paulo, 2002.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. SP, Cia. das Letras: 2001.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas figuras, cores e números*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio S.A, 1995.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas Antropológicas do Imaginário*. Martins Fontes, SP: 1997.
- GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. LCT, Rio de Janeiro, 1988.
- GOMES, Luis Vidal N. *Desenhismo*. 2ª Edição, Universidade Federal de Santa Maria- Santa Maria: 1996.
- FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. FAPERJ/MAUAD, RJ: 2003.
- FRANGE, Lucimar Bello Pereira. *Por que se esconde a violeta?* Annablume – São Paulo: 1995.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª Edição, São Paulo – Papyrus: 1986.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2ªed. UNICAMP, Campinas: 1992.
- MEDEIROS, Lígia Maria Sampaio de. *Desenhística: a ciência da arte de projetar desenhando*. Santa Maria: SCHDs Editora: 2004.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Ed. Nova Fronteira, RJ, 2001.
- POPPINO, Rollie. *Feira de Santana*. Ed. Itapuan, Salvador: 1968.
- SALDANHA, João. *Futebol e outras histórias*. Rio de Janeiro, Record: 1988.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileira*. Ed. Brasiliense – São Paulo: 1981.
- Projeto Lei Nº. 31, de 09 de Dezembro de 1966.
- Folha do Norte
N. 3121
N. 3138
N. 3158
A Tarde
N. 32.099